

Midland julga acordo...

20 NOV 1987
por Tom Camargo
de Londres

(Continuação da 1ª página)

US\$ 4,5 bilhões que o Brasil está fechando e quando o fizerem mostraram que têm profundas dúvidas sobre o equacionamento da crise econômica enfrentada pelo País e quanto à efetiva disposição de Brasília de pagar os juros de 1988.

O Midland não revelou o montante de juros que deverá receber do Brasil em 1987.

Não foi possível obter esclarecimentos a propósito da decisão de excluir os juros dos lucros junto à direção do banco, ainda na sexta-feira. Mas um consultado analista de bancos junto a uma corretora sediada em Edimburgo, na Escócia, disse que a não-inclusão dos juros não significa, "de forma alguma", que o Midland esteja cancelando a dívida brasileira. "Não há cancelamento ('write-off') nenhum", ele disse, "apenas uma medi-
da de realismo contábil,

pois, afinal, os bancos estão tirando esse dinheiro dos juros de um bolso para pôr no outro".

O Midland é o maior credor brasileiro depois do bloco de conglomerados bancários norte-americanos — o Brasil lhe deve cerca de US\$ 2 bilhões — e, desde julho último, deu diversos passos no sentido de fortalecer suas provisões para 30 países com os quais tem empenhados pouco mais de US\$ 7 bilhões. Além de ter feito uma chamada de capital junto aos seus acionistas, o banco vendeu duas subsidiárias, em julho último, capacitando-se a elevar suas provisões para cerca de US\$ 2 bilhões, representando 27% do total devido pelos trinta países.

Meses depois, a direção decidiu tirar mais 100 milhões de libras (cerca de US\$ 180 milhões) de seus lucros de 1987 para aumentar ainda mais o dique.

Em retrospecto, a decisão de não fazer a apro-

priação dos juros brasileiros de 1987 está diretamente ligada à venda de 14,9% do banco para o Hong-Kong e Shanghai.

No último dia 15, quando a intenção do negócio foi oficialmente divulgada, o presidente do Hong-Kong, William Purves, disse que "talvez o Midland tenha feito essa provisão extra de US\$ 100 milhões graças ao meu encorajamento. Não me sinto totalmente confortável com os compromettimentos do Midland na América Latina".

A fragilidade do Midland estava na correlação entre seu capital próprio e seus vastos ativos empacados no Terceiro Mundo. Com a tomada do Hong-Kong como sócio, o banco inglês também se fortaleceu em termos de capital, liberando cerca de US\$ 800 milhões para seus planos de expansão.

A dúvida quanto ao destino final desse capital fresco — seria ele encaminhado

para uma lucrativa e segura expansão na Europa e Ásia ou seria de novo tragado pela crise da dívida — parece agora esclarecida. Ao deixar de assumir os juros brasileiros como lucro, pelo menos por enquanto, a direção do Midland parece ter oferecido a melhor demonstração pública, para seu novo sócio e para o mercado, de que pretende de fato começar vida nova. Qual o impacto que a decisão do Midland terá sobre a estratégia de negociação dos países devedores é uma outra questão. No momento, os desdobramentos da iniciativa do Midland parecem reforçar a percepção de que mesmo os bancos mais pesadamente comprometidos com risco soberano estão pouco a pouco encontrando saídas para diminuir sua vulnerabilidade.

Na City, por exemplo, já se dá como certo que o National Westminster Bank, o maior banco comercial britânico, deverá dobrar suas provisões para cerca de trinta países. Puxando-as para o melhor nível europeu, que é o dos 70%, mantido pelo Deutsche Bank.

Midland julga

acordo incerto

20 NOV 1987
por Tom Camargo
de Londres

Os juros que o Brasil deveria pagar ao Midland Bank, da Grã-Bretanha, no transcorrer de 1987, e que só agora, no final do ano, deverão ser desembolsados — graças a um outro empréstimo que os próprios bancos credores (entre eles o Midland) estão fazendo aos Países —, não deverão ser incluídos pela casa inglesa a lista de lucros de 1987, quando seu balanço for encerrado a 31 de dezembro.

O surpreendente anúncio consta de uma circular que Midland enviou na sexta-feira a seus acionistas, em que a direção do banco explica em maior detalhe como se desenrolará seu programa de cooperação (fusão, transferência de filiais e troca de subsidiárias) com o Hong-Kong e Shanghai Banking Corp., que se está propondo a adquirir 14,9% do capital votante do Midland por US\$ 685 milhões.

A explicação que o Midland dá para a decisão de não contabilizar os juros brasileiros como receita segue assim: "Enquanto algum progresso foi obtido no sentido de resolver a presente moratória que afeta o pagamento de juros, os resultados (das negociações da dívida brasileira) são incertos e (por isso) permanece como improvável que o interesse afetado (pela moratória) venha a ser apropriado com o lucro de 1987".

O passo dado pelo Midland tomou de surpresa analistas da City e deixou ainda mais confusa a situação da dívida brasileira diante dos bancos britânicos. Os dois maiores bancos comerciais locais, liderando uma meia dúzia de outros de porte médio, relutaram até o último momento a aderir ao "pacote" de

(Continua na página 17)